

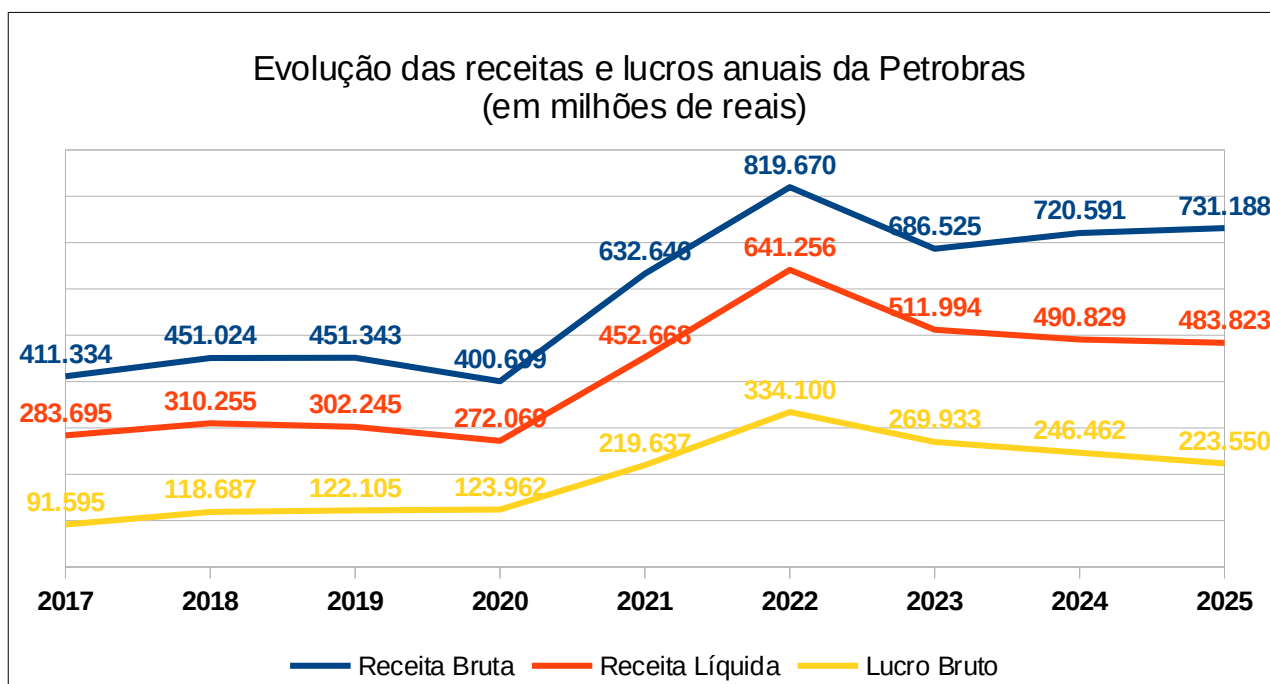
NOTA SOBRE OS ÍNDICES DO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2026 DA PETROBRAS

Sumário

1 - ANÁLISE GERAL DOS DADOS DA PETROBRAS NO 1º SEMESTRE 2026.....	3
2 - RECEITAS ALAVANCADAS PELO CRESCIMENTO NA PRODUÇÃO.....	5
3 - CUSTOS CRESCEM MUITO ABAIXO DOS LUCROS.....	7
4 - TAXA RECORDE DE LUCRO BRUTO NA HISTÓRIA DA EMPRESA.....	9
5 - O CRESCIMENTO DO LUCRO EM 2026 É SOBRETUDO OPERACIONAL.....	10
6 - DESPESAS COM PESSOAL E REMUNERAÇÃO VARIÁVEL.....	12

Nesta nota, analisamos os dados da Petrobras relativos ao primeiro semestre de 2026, incorporando os resultados divulgados pela companhia no segundo trimestre do ano. Antes de examinarmos os números mais recentes, é necessário situá-los na trajetória dos resultados da empresa desde 2017. Essa perspectiva é importante porque permite distinguir oscilações conjunturais de mudanças efetivas nas condições econômicas e produtivas da Petrobras.

Apresentamos, então, os dados de Receita Bruta e Líquida e Lucro Bruto entre 2017 e 2025.



Fonte: Petrobras: Demonstrações Financeiras Consolidadas em R\$. Elaboração: ILAESE

Como já tratamos em estudos anteriores, a partir de 2020, a Petrobras ingressou em um novo patamar de receitas e lucros. Esse fato foi impulsionado por elementos conjunturais como a recuperação dos preços internacionais do petróleo, a desvalorização cambial e, posteriormente, pelos efeitos da guerra entre Rússia e Ucrânia sobre o mercado mundial de energia. No entanto, o principal fator, é o crescimento da produtividade da empresa com o pico, ainda em curso, da produção relacionada ao pré-sal. O pico ocorreu em 2022, quando a companhia alcançou R\$ 819,7 bilhões de receita bruta, R\$ 641,3 bilhões de receita líquida e R\$ 334,1 bilhões de lucro bruto.

É justamente porque a Petrobras opera em elevada produtividade que os resultados de 2023 a 2025 ficaram abaixo daquele momento excepcional, mas permaneceram muito superiores aos registrados antes da pandemia. Em 2025, a Petrobras alcançou R\$ 731,2 bilhões em receita bruta, R\$ 483,8 bilhões em receita líquida e R\$ 223,6 bilhões em lucro bruto. Portanto, a redução em relação ao pico de 2022 não significou o retorno aos patamares anteriores. A Petrobras continuou sendo uma empresa de enorme capacidade de geração de receitas e excedentes.

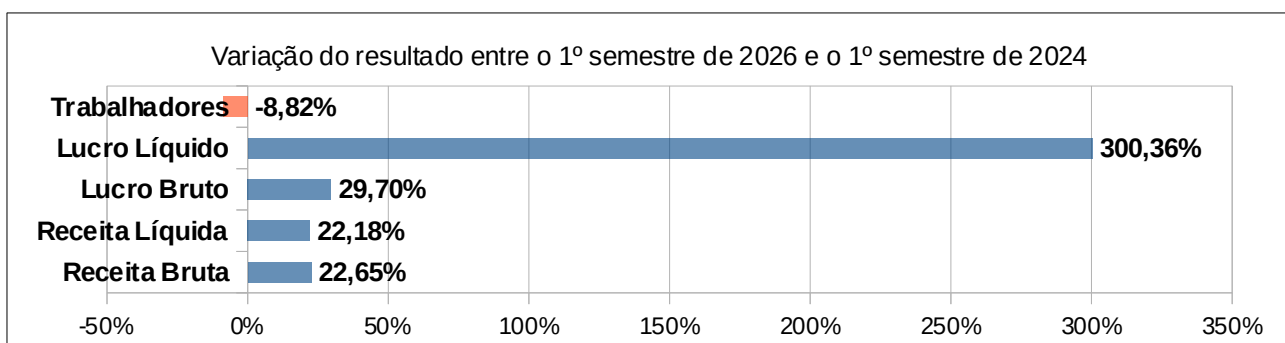
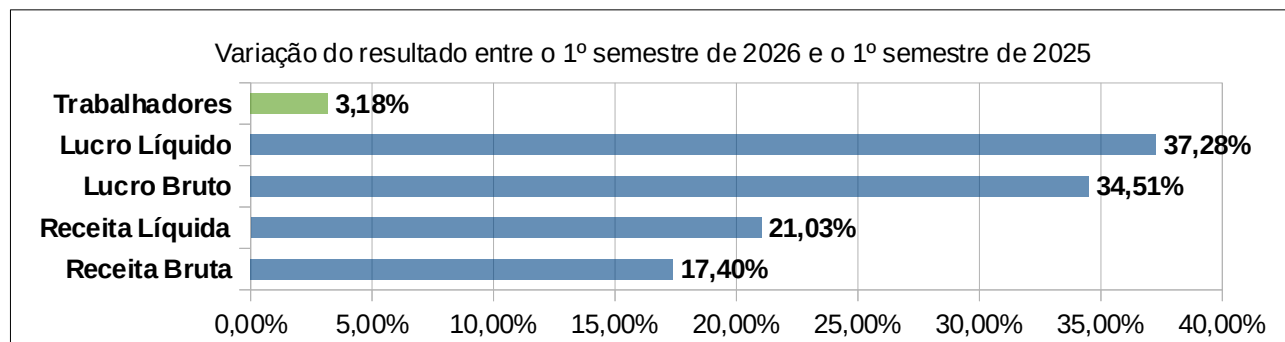
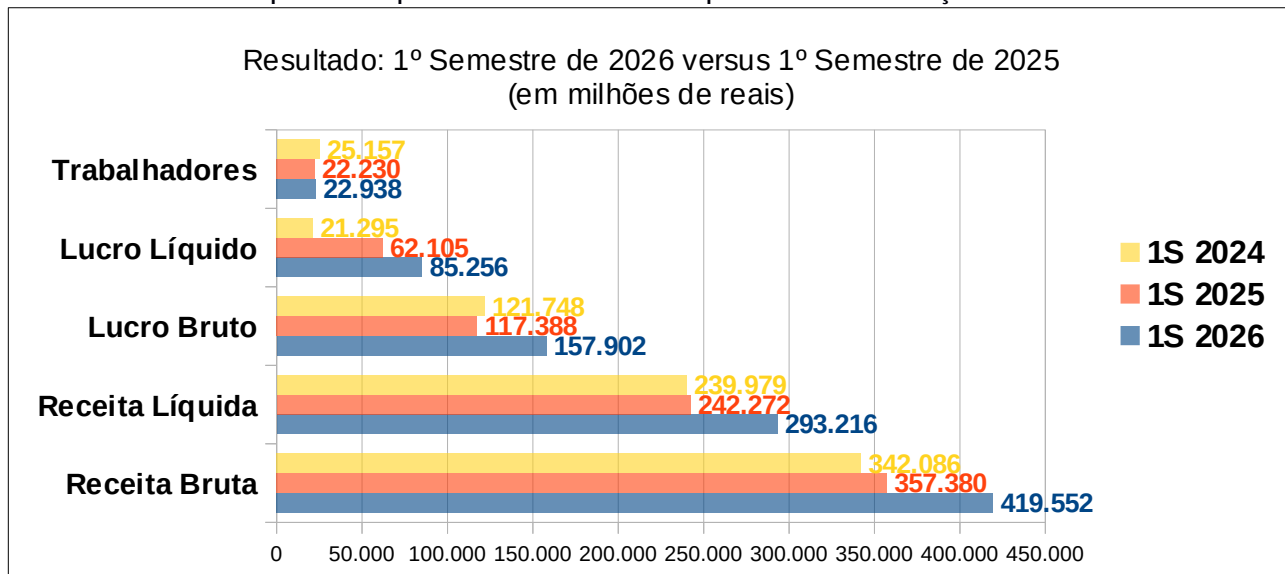
É nesse contexto que devem ser examinados os resultados de 2026. Se os anos imediatamente posteriores a 2022 poderiam ser apresentados como um período de acomodação depois de lucros excepcionalmente elevados, os dados do primeiro semestre de 2026 mostram uma nova aceleração. Não estamos diante de uma empresa pressionada pela queda de receitas ou pela perda de rentabilidade. Ao contrário: a Petrobras ampliou fortemente receitas, lucros e geração operacional de caixa.

Esse aspecto será fundamental ao longo desta nota. A discussão sobre salários, benefícios e participação nos resultados não pode ser feita abstraindo-se do desempenho concreto da companhia. Quando produção, receitas e lucros avançam simultaneamente, é necessário perguntar também em que medida os trabalhadores responsáveis pela operação da empresa participam dessa riqueza adicional.

Feitas essas observações, examinemos os dados semestrais mais recentes da Petrobras.

1 - ANÁLISE GERAL DOS DADOS DA PETROBRAS NO 1º SEMESTRE 2026

A seguir, apresentamos uma síntese dos resultados da Petrobras no primeiro semestre de 2026, comparados tanto com o primeiro semestre de 2025 como, no gráfico seguinte, com o mesmo período de 2024. Examinamos as receitas bruta e líquida, o lucro bruto e líquido e as despesas totais com trabalhadores. A comparação permite visualizar não apenas a dimensão alcançada pela companhia, mas também a enorme diferença entre o crescimento acelerado da rentabilidade da empresa e aquela observada nas despesas com sua força de trabalho.



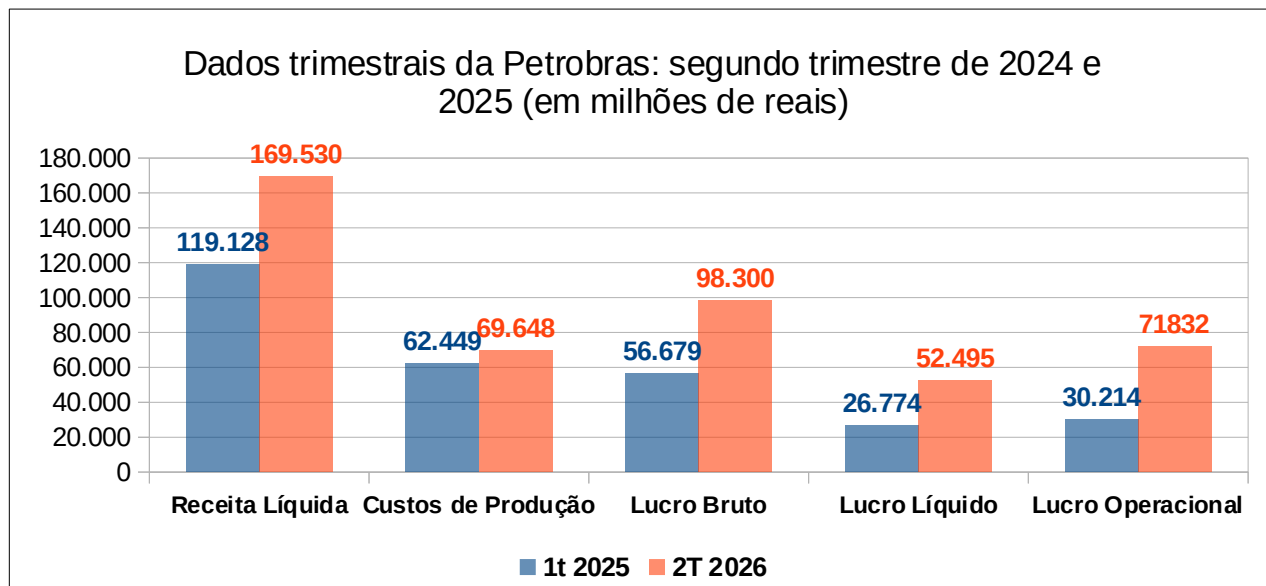
Fonte: Demonstrações Financeiras trimestrais consolidadas em R\$. Elaboração: ILAESE

Os números do primeiro semestre de 2026 são expressivos. Em relação ao mesmo período de 2025, a receita bruta cresceu 17,4% e a receita líquida avançou 21%, chegando a R\$ 293,2 bilhões. O crescimento dos lucros foi ainda maior: o lucro bruto aumentou 34,5%, para R\$ 157,9 bilhões, enquanto o lucro líquido cresceu 37,3%, alcançando R\$ 85,3 bilhões. Já as despesas totais com trabalhadores cresceram apenas 3,2%, de R\$ 22,2 bilhões para R\$ 22,9 bilhões.

A comparação com 2024 torna essa diferença ainda mais evidente. Em dois anos, a receita bruta cresceu 22,7%, a receita líquida 22,2% e o lucro bruto 29,7%. O lucro líquido passou de R\$ 21,3 bilhões para R\$ 85,3 bilhões, crescimento superior a 300%. No mesmo intervalo, **as despesas com trabalhadores ficaram 8,8% abaixo do nível registrado no primeiro semestre de 2024.**

A diferença é alarmante. De 2025 para 2026, o lucro líquido cresceu aproximadamente doze vezes mais, em termos percentuais, do que as despesas totais com trabalhadores. As receitas crescem, os lucros crescem ainda mais, mas a parcela destinada ao trabalho permanece praticamente estagnada em relação à expansão da empresa, chegando a cair em termos absolutos.

Os dados do segundo trimestre são ainda mais contundentes:



Fonte: Demonstrações Financeiras trimestrais consolidadas em R\$. Elaboração: ILAESE

No segundo trimestre de 2026, a tendência se mantém exatamente a mesma. Em comparação com o segundo trimestre de 2025, a receita líquida passou de R\$ 119,1 bilhões para R\$ 169,5 bilhões, aumento de 42,3%. O lucro bruto saltou de R\$ 56,7 bilhões para R\$ 98,3 bilhões, crescimento de 73,4%, enquanto o lucro líquido praticamente dobrou, passando de R\$ 26,8 bilhões para R\$ 52,5 bilhões. O lucro operacional teve expansão ainda maior: passou de R\$ 30,2 bilhões para R\$ 71,8 bilhões, crescimento próximo de 138%.

Não se trata, vale dizer, apenas de uma recuperação contábil. A própria diretoria financeira da Petrobras reconhece a dimensão do resultado:

"Os recordes operacionais que alcançamos neste segundo trimestre nos levaram a um dos maiores resultados financeiros trimestrais da série histórica da Petrobras. O aumento do volume de produção de óleo e de derivados, combinado ao Brent mais alto, fortaleceu nossa geração de caixa."

Fernando Melgarejo, Diretor Financeiro e de Relacionamento com Investidores

A afirmação é especialmente importante. **A companhia atribui explicitamente o resultado financeiro aos recordes operacionais.** Produção, refino, manutenção, operação das plataformas, logística e escoamento não são elementos externos à força de trabalho: dependem diretamente da atividade dos empregados próprios e terceirizados. Quando a própria administração reconhece essa ligação, torna-se ainda menos defensável separar os resultados econômicos extraordinários da remuneração de quem tornou esses resultados possíveis.

2 - RECEITAS ALAVANCADAS PELO CRESCIMENTO NA PRODUÇÃO

A tabela a seguir apresenta as receitas da Petrobras no primeiro semestre de 2026, discriminadas por produto e por destino das vendas, e permite compará-las com os primeiros semestres de 2025 e 2024. Além da expansão das vendas no mercado interno, houve uma verdadeira explosão das exportações, sobretudo de petróleo cru.

RECEITAS				
R\$ milhões	1S24	1S25	1S26	Variação
Diesel	71.447	73.370	73.695	3,15%
Gasolina	31.883	34.755	30.582	-4,08%
Gás liquefeito de petróleo (GLP)	7.890	9.286	9.123	15,63%
Querosene de aviação (QAV)	11.845	12.284	15.747	32,94%
Nafta	4.639	4.804	6.434	38,69%
Óleo combustível (incluindo bunker)	2.915	1.717	1.931	-33,76%
Outros derivados de petróleo	10.643	10.934	10.582	-0,57%
SUBTOTAL DE DERIVADOS DE PETRÓLEO	141.262	147.150	159.403	12,84%
Gás Natural	12.464	10.676	8.633	-30,74%
Petróleo	11.590	14.272	11.739	1,29%
Renováveis e nitrogenados	383	545	1207	215,14%
Receitas de direitos não exercidos	1.324	592	406	-69,34%
Energia elétrica	1.174	1.645	3.102	164,22%
Serviços, agenciamento e outros	2.275	1.999	2.520	10,77%
TOTAL MERCADO INTERNO	170.472	176.879	187.010	9,70%
Exportações	66.743	63.559	103.771	55,48%
Petróleo	51.131	47.516	82.339	61,04%
Óleo combustível (incluindo bunker)	12.413	13.096	17.569	41,54%
Outros derivados de petróleo e outros produtos	3.199	2.947	3.863	20,76%
Vendas no exterior (*)	2.764	1.834	2.435	-11,90%
TOTAL MERCADO EXTERNO	69.507	65.393	106.206	52,80%

Fonte: Resultados trimestrais da Petrobras em Excel R\$ Elaboração: ILAEE

No mercado interno, a receita alcançou R\$ 187 bilhões no primeiro semestre de 2026, 5,7% acima de 2025 e 9,7% acima de 2024. Entre os derivados, o subtotal chegou a R\$ 159,4 bilhões, crescimento de 8,3% em apenas um ano. Destacam-se o QAV, cuja receita cresceu 28,2% em relação a 2025, e a nafta, com alta de 33,9%. A gasolina apresentou retração de 12%, enquanto diesel e GLP permaneceram próximos aos níveis do ano anterior.

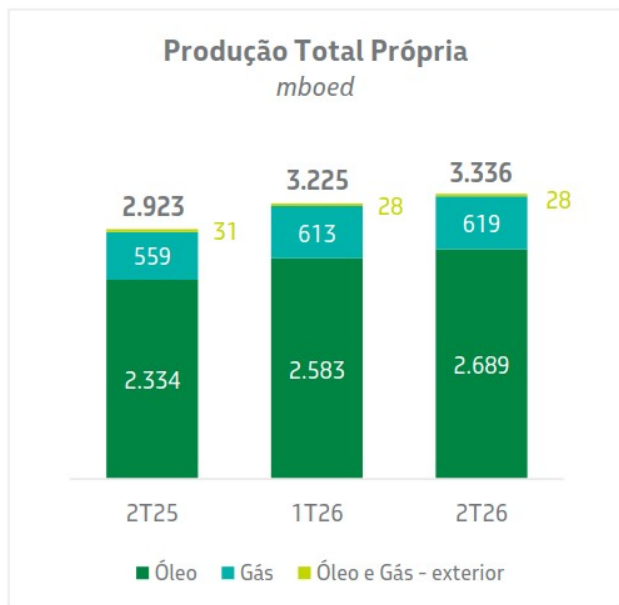
A grande mudança, porém, ocorreu no mercado externo. As receitas com exportações passaram de R\$ 63,6 bilhões no primeiro semestre de 2025 para R\$ 103,8 bilhões em 2026, aumento superior a 63%. Somente as exportações de petróleo saltaram de R\$ 47,5 bilhões para R\$ 82,3 bilhões, crescimento de aproximadamente 73%. Como consequência, a receita total obtida no mercado externo chegou a R\$ 106,2 bilhões, 62% acima do primeiro semestre do ano anterior.

Esse resultado combina dois fatores: **(1)** maior volume produzido e **(2)** um ambiente de preços internacionais mais favorável. O Brent médio passou de US\$ 71,74 por barril no primeiro semestre de 2025 para US\$ 92,57 em 2026, alta de 29%. Ao mesmo tempo, a Petrobras aumentou fortemente sua capacidade de produção e exportação.

O próprio relatório da companhia afirma que o aumento da produção permitiu elevar as exportações para um patamar próximo de 1 milhão de barris por dia e reduzir as importações de petróleo a apenas 89 mil barris por dia no segundo trimestre, o menor nível desde a pandemia.

Portanto, a forte elevação da receita em 2026 não decorreu simplesmente da flutuação de preços. Ela se apoiou numa expansão física da produção realizada pela própria Petrobras.

A produção média própria de óleo, LGN e gás natural atingiu 3,34 milhões de barris equivalentes por dia no segundo trimestre de 2026, novo recorde da Petrobras. O volume foi 14,1% superior ao segundo trimestre de 2025. Segundo a própria companhia, o resultado decorreu da maior eficiência operacional, do avanço da produção dos FPSOs Maria Quitéria, Alexandre de Gusmão e P-78, além da entrada em operação da P-79. Somente no segundo trimestre entraram em operação dez novos poços produtores.



Fonte: Relatório de produção da Petrobras

Os recordes foram sucessivos:

- ➔ produção total operada de 4,87 Mmboed;
- ➔ produção total própria de 3,34 Mmboed;
- ➔ produção total operada no pré-sal de 4,24 Mmboed;
- ➔ produção própria no pré-sal de 2,78 MMboed.

Búzios tornou-se um símbolo dessa expansão. Em junho, suas plataformas chegaram a produzir 1,2 milhão de barris por dia, enquanto o FPSO Almirante Tamandaré alcançou produção média mensal de 253 mil barris por dia, mantendo-se como a plataforma de maior produção do Brasil.

O refino acompanhou esse movimento. O fator de utilização das refinarias atingiu 101,2%, maior resultado trimestral da série atual e acima do recorde anterior de 2014. A produção de derivados chegou a 1,918 milhão de barris por dia, 10,9% acima do segundo trimestre de 2025, com recordes na produção de diesel S10 e QAV.

Esses números são particularmente importantes numa negociação de PLR. A própria Petrobras afirma que **“os resultados alcançados são fruto da operação e manutenção eficiente das unidades”**. Não é possível reivindicar os recordes operacionais como mérito da empresa e, ao mesmo tempo, minimizar a participação daqueles que operam, mantêm e garantem diariamente a continuidade dessas instalações.

Resta verificar se a expansão da produção foi acompanhada de uma elevação de custos capaz de comprometer essa rentabilidade. Os dados mostram justamente o contrário.

3 - CUSTOS CRESCEM MUITO ABAIXO DOS LUCROS

Os custos dos produtos vendidos aumentaram no primeiro semestre de 2026, mas numa proporção muito inferior ao crescimento das receitas e dos lucros. Enquanto a receita líquida avançou 21% e o lucro bruto 34,5% em relação ao primeiro semestre de 2025, o custo total dos produtos vendidos aumentou apenas 8,4%, passando de R\$ 124,9 bilhões para R\$ 135,3 bilhões.

A tabela a seguir permite identificar onde ocorreram essas variações.

Custo dos produtos vendidos				
R\$ milhões	1S24	1S25	1S26	1S26/1S24
Matérias-primas, produtos para revenda, materiais e serviços contratados(*)	-57.319	-59.493	-56.432	-1,55%
Compras e importações	-41.467	-40.992	-36.311	-12,43%
Petróleo	-24.177	-22.338	-24.259	0,34%
Derivados	-13.436	-15.916	-9.854	-26,66%
Gás natural	-3.854	-2.738	-2.198	-42,97%
Serviços e outros	-15.852	-18.501	-20.121	26,93%
Depreciação, depleção e amortização	-25.742	-31.715	-35.517	37,97%
Participação governamental	-30.182	-30.884	-41.378	37,09%
Gastos com pessoal	-5.352	-4.772	-5.341	-0,21%
Variação dos estoques	364	1980	3354	821,43%
Total	-118.231	-124.884	-135.314	14,45%

Fonte: Resultados trimestrais da Petrobras em Excel R\$ Elaboração: ILAESE

Como se nota, a composição dos custos mostra mudanças importantes quando comparamos o primeiro semestre de 2026 com o mesmo período de 2024. O custo total dos produtos vendidos aumentou 14,45%, passando de R\$ 118,2 bilhões para R\$ 135,3 bilhões. Esse crescimento, porém, foi bastante desigual entre seus componentes. As compras e importações recuaram 12,43%, de R\$ 41,5 bilhões para R\$ 36,3 bilhões. A queda foi particularmente forte nas compras de derivados, de 26,66%, e de gás natural, de 42,97%. Em sentido contrário, os gastos com serviços e outros aumentaram 26,93%, enquanto depreciação, depleção e amortização cresceram 37,79%.

Outro componente que aumentou fortemente foram as participações governamentais, que passaram de R\$ 30,2 bilhões no primeiro semestre de 2024 para R\$ 41,4 bilhões em 2026, crescimento de 37,09%. Esse movimento está associado ao próprio crescimento da atividade petrolífera e da renda obtida com ela: com a expansão da produção e a elevação do preço do petróleo, aumentam também despesas como royalties e participações especiais.

O movimento dos gastos com pessoal, entretanto, chama particularmente a atenção. **Enquanto o custo total dos produtos vendidos cresceu 14,45% em dois anos, os gastos com pessoal contabilizados diretamente nesses custos caíram 0,21% em valores nominais**, passando de R\$ 5,35 bilhões no primeiro semestre de 2024 para R\$ 5,34 bilhões em 2026. Entre 2024 e 2026, a produção aumentou, novas plataformas entraram em operação e a companhia alcançou recordes de produção e utilização das refinarias. Ainda assim, o gasto com pessoal diretamente incorporado aos custos de produção não aumentou sequer nominalmente.

Em outras palavras, a companhia ampliou fortemente sua produção e seus lucros sem ampliar a parcela dos custos destinada diretamente ao pessoal. Não existe pressão dos gastos com trabalhadores sobre a rentabilidade da Petrobras que possa justificar contenção salarial ou uma PLR rebaixada, ao contrário, esse é apenas mais um fator que contribuiu para que a Petrobras eleve sua rentabilidade.

Outro indicador importante é o *lifting cost*, que mede o custo unitário de extração de um barril equivalente de petróleo e gás. Ele permite verificar se a ampliação da produção está sendo obtida mediante um encarecimento expressivo das operações.

LIFTING COST				
R\$ milhões	1S24	1S25	1S26	1S26/1S24
Lifting cost Brasil (US\$/boe)	6,05	6,36	6,54	2,83%
Pré-Sal	3,93	4,13	4,56	10,41%
Pós-Sal Profundo e Ultra Profundo	15,87	17,7	16,86	-4,75%
Terra e Águas Rasas	16,58	17,25	18,94	9,80%
Lifting cost + Afretamento	8,46	9,15	9,14	-0,11%
Pré-Sal	6,27	6,85	7,13	4,09%
Pós-Sal Profundo e Ultra Profundo	19,15	21,38	20,15	-5,75%
Terra e Águas Rasas	16,58	17,25	18,94	9,80%
Lifting cost + Participações governamentais	20,1	18,64	22,36	19,96%
Lifting cost + Participações governamentais + Afretamento	22,51	21,42	24,97	16,57%

Fonte: Resultados trimestrais da Petrobras em Excel R\$ **Elaboração:** ILAESE

O *lifting cost* Brasil passou de US\$ 6,36 por boe no primeiro semestre de 2025 para US\$ 6,54 em 2026, uma elevação de apenas 2,7%. Quando somado o afretamento de plataformas e embarcações, o custo permaneceu praticamente estável: US\$ 9,15 por boe em 2025 e US\$ 9,14 em 2026.

É preciso distinguir esse custo operacional do indicador que inclui as participações governamentais. Nesse segundo caso, houve aumento de US\$ 18,64 para US\$ 22,36 por boe, justamente porque *royalties* e participações especiais cresceram acompanhando a valorização do petróleo e a maior produção. O aumento não expressa, portanto, perda de eficiência produtiva da Petrobras.

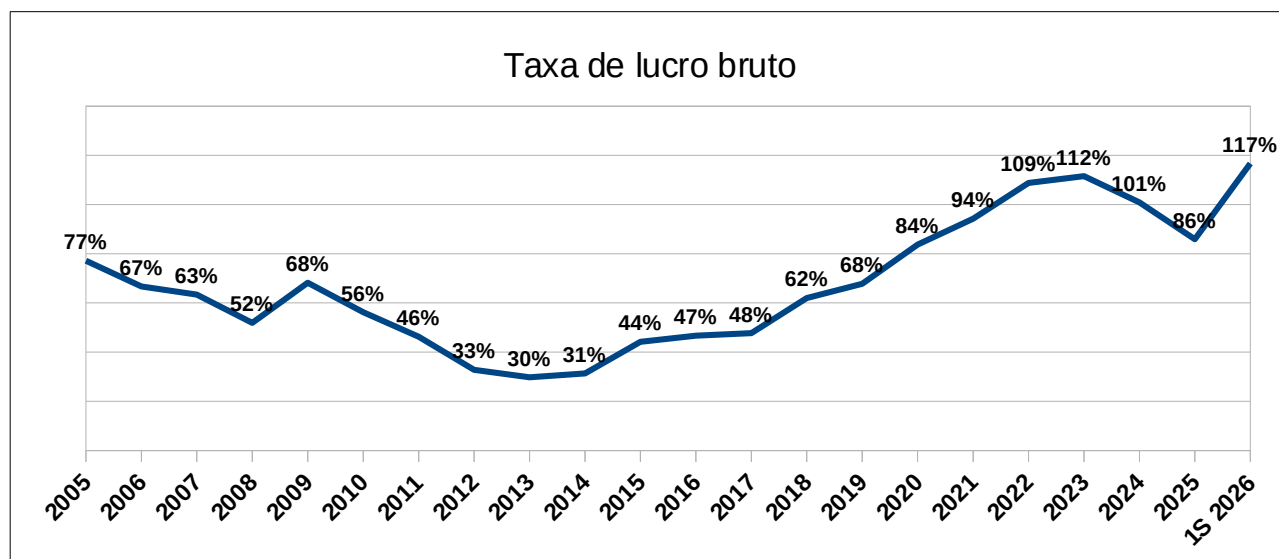
A evolução dentro do próprio semestre confirma esse quadro. No segundo trimestre, o *lifting cost* Brasil caiu 6,3% em relação ao primeiro trimestre, para US\$ 6,33 por boe. A Petrobras atribui essa redução ao crescimento da produção do pré-sal, aos menores gastos no pós-sal e à maior eficiência operacional. No pré-sal, o custo unitário caiu 4,8% entre o primeiro e o segundo trimestre.

Temos, portanto, uma combinação muito favorável para a companhia: mais produção, maior preço internacional do petróleo, utilização recorde das refinarias e estabilidade do custo unitário de produção. É justamente essa combinação que permitiu uma expansão do lucro muito superior ao crescimento dos custos.

4 - TAXA RECORDE DE LUCRO BRUTO NA HISTÓRIA DA EMPRESA

A maior eficiência, a redução dos custos, a elevação da produção em um conjuntura favorável de preços internacionais teve apenas uma consequência possível: recorde de produtividade.

O gráfico a seguir apresenta a evolução da taxa de lucro bruto da companhia desde 2005. Esse indicador relaciona o lucro bruto ao custo dos produtos e serviços vendidos e permite visualizar quanto a empresa obtém de lucro bruto para cada real gasto diretamente na produção.



Fonte: Petrobras: Demonstrações Financeiras em R\$. Elaboração: ILAESE

Como se vê, os dados mostram uma mudança particularmente importante no primeiro semestre de 2026. Mesmo com a expansão da produção e o aumento dos custos totais, a Petrobras alcançou uma taxa de lucro bruto de 117%, o maior nível de toda a série apresentada. Isso significa que, para cada R\$ 100 contabilizados como custo dos produtos e serviços vendidos, a companhia obteve aproximadamente R\$ 117 de lucro bruto.

O resultado de 2026 não é apenas elevado: ele supera inclusive os patamares alcançados durante o ciclo extraordinário de lucratividade posterior à pandemia. A taxa havia chegado a 94% em 2021, 109% em 2022 e ao então recorde de 112% em 2023. Posteriormente caiu para 101% em 2024 e 86% em 2025. No primeiro semestre de 2026, porém, saltou para 117%, estabelecendo um novo máximo histórico na série iniciada em 2005.

A razão pode ser vista diretamente nos dados do semestre. A Petrobras registrou R\$ 157,9 bilhões de lucro bruto diante de R\$ 135,3 bilhões em custos dos produtos e serviços vendidos. Em relação ao primeiro semestre de 2025, portanto, enquanto os custos cresceram 8,4%, o lucro bruto avançou 34,5%. A empresa não apenas absorveu a elevação de seus gastos: a diferença entre aquilo que desembolsa na produção e aquilo que retém como lucro bruto aumentou fortemente.

5 - O CRESCIMENTO DO LUCRO EM 2026 É SOBRETUDO OPERACIONAL

Conforme indicado na tabela abaixo, no primeiro semestre de 2025, uma parcela importante do crescimento do lucro líquido havia sido explicada por ganhos cambiais. Em 2026, ocorre algo muito diferente. O resultado financeiro da Petrobras caiu de R\$ 16,2 bilhões para R\$ 6,3 bilhões, redução de 60,8%. Os ganhos cambiais também diminuíram fortemente, de R\$ 29,5 bilhões para R\$ 14,3 bilhões.

Mesmo assim, o lucro líquido aumentou 37,3%, de R\$ 62,1 bilhões para R\$ 85,3 bilhões.

Isso significa que o crescimento do lucro de 2026 não pode ser atribuído predominantemente a um efeito contábil do câmbio. Sua origem está fundamentalmente na operação da companhia. O lucro antes do resultado financeiro, participações e impostos saltou de R\$ 72,8 bilhões no primeiro semestre de 2025 para R\$ 113 bilhões em 2026, crescimento superior a 55%.

Essa talvez seja a mudança mais importante em relação ao boletim produzido no mesmo período do ano anterior anterior. Em 2025, era necessário separar cuidadosamente o ganho operacional do ganho cambial. Em 2026, mesmo com um resultado financeiro muito menor, o lucro dispara porque a atividade produtiva da Petrobras disparou.

Resultado Financeiro			
R\$ milhões	1S24	1S25	1S26
Receitas Financeiras	5.224	3.692	3.687
Receita com aplicações financeiras e títulos públicos	4.121	2.581	2.513
Outros	1.103	1.111	1.174
Despesas Financeiras	-20.941	-11.774	-10.477
Despesas com financiamentos	-5.449	-5.648	-5.851
Despesas com arrendamentos	-5.613	-7.332	-7.276
Encargos financeiros capitalizados	3.857	5.266	6.946
Atualização financeira da provisão de desmantelamento	-2.692	-3.722	-3.559
Adesão à Transação Tributária	-10.399	—	—
Outros	-645	-338	-737
Variações monetárias e cambiais, líquidas	-30.258	24.249	13.130
Variações cambiais	-23.026	29.474	14.314
Real x Dólar	-23.166	30.326	14.121
Outras moedas	140	-852	193
Redclassificação do hedge accounting	-6.578	-7.052	-3.658
Adesão à Transação Tributária	-1.184	—	—
Atualização monetária de dividendos antecipados e dividendos a pagar	-1.980	-876	-780
Atualização monetária de impostos a recuperar	-542	909	503
Outros	3.052	1.794	2.751
Total	-45.975	16.167	6.340

Fonte: Resultados trimestrais da Petrobras em Excel R\$ Elaboração: ILAESE

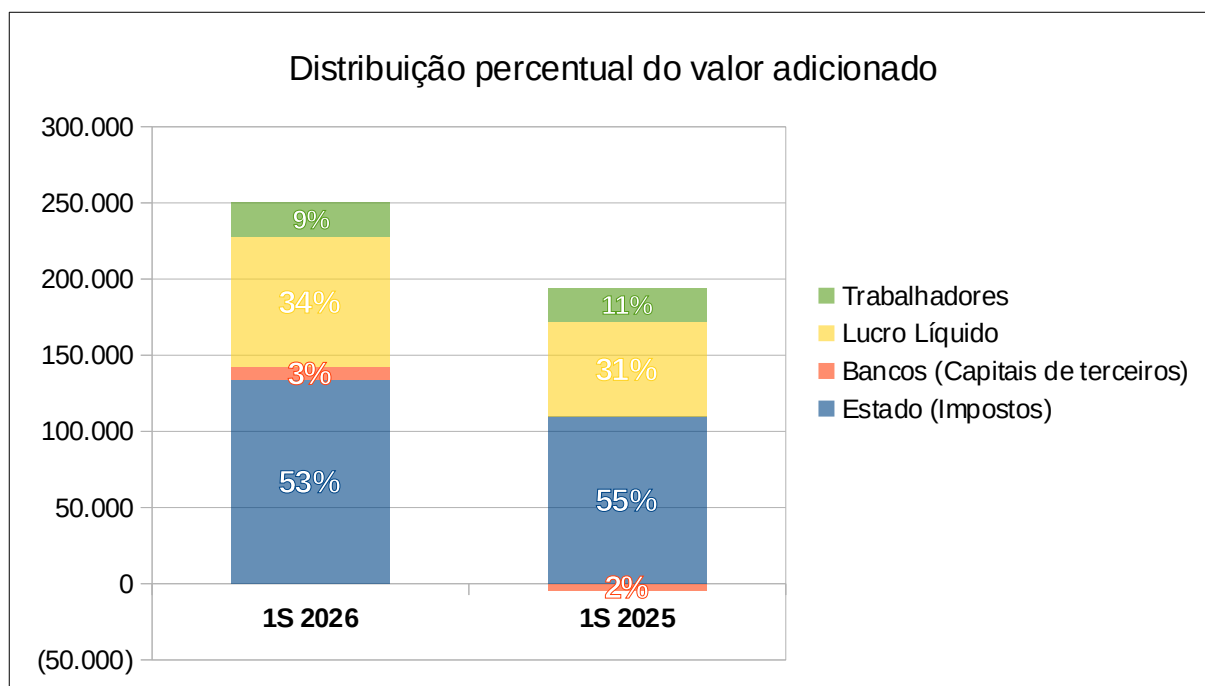
No relatório do segundo trimestre, a companhia afirma que o aumento do EBITDA foi impulsionado principalmente pelas maiores exportações viabilizadas pelo crescimento da produção, pela realização de exportações que estavam em trânsito, pela alta do *Brent* e pelo aumento da participação de derivados produzidos pela própria empresa no conjunto das vendas.

O EBITDA ajustado sem eventos exclusivos chegou a R\$ 162,3 bilhões no primeiro semestre,

35,1% acima de 2025. O fluxo de caixa operacional alcançou R\$ 105,8 bilhões e o fluxo de caixa livre R\$ 58,7 bilhões.

Ao mesmo tempo, somente em relação ao resultado do segundo trimestre foram aprovados R\$ 17,4 bilhões em proventos aos acionistas. Esse número deve ser lembrado quando a companhia discutir os limites da participação dos trabalhadores nos resultados. Não é coerente tratar a elevada geração de caixa como justificativa para remunerar o capital e, simultaneamente, apresentar contenção quando se trata da parcela destinada aos trabalhadores.

A distribuição do valor adicionado torna essa contradição ainda mais visível.



Fonte:Relatórios Anuais e trimestrais da Petrobras. **Elaboração:** ILAESE

No primeiro semestre de 2026, o valor adicionado gerado pela Petrobras cresceu fortemente. Mas esse crescimento não foi distribuído de maneira proporcional entre os diferentes grupos. A parcela apropriada sob a forma de lucro aumentou de 31% para 34% do valor adicionado, enquanto a participação dos trabalhadores caiu de 11% para apenas 9%.

Essa informação é central para qualquer discussão sobre PLR. O problema não é que a Petrobras esteja produzindo menos riqueza. É exatamente o contrário: a riqueza produzida aumentou enquanto a participação relativa destinada aos trabalhadores diminuiu.

Enquanto o lucro líquido cresceu 37,3% entre os primeiros semestres de 2025 e 2026, o gasto total com trabalhadores avançou somente 3,2%. O resultado é uma redistribuição interna do valor criado pela empresa em favor do lucro e em detrimento da força de trabalho.

6 - DESPESAS COM PESSOAL E REMUNERAÇÃO VARIÁVEL

Por fim, devemos examinar com maior detalhe a evolução das despesas com pessoal no primeiro semestre de 2026. Esse ponto possui importância especial para a discussão da PLR porque permite comparar diretamente o desempenho da empresa com a remuneração variável paga aos trabalhadores.

Remuneração direta	1S25	1S26	Variação
Salários	10.430	10.742	2,99%
Programas de remuneração variável	3.418	3.717	8,75%
Subtotal	13.848	14.459	4,41%
Benefícios			
Vantagens	1.876	1.004	-46,48%
Plano de aposentadoria e pensão	2.192	2.217	1,14%
Plano de saúde	3.624	4.488	23,84%
Subtotal	7.692	7.709	0,22%
FGTS	690	770	11,59%
Total	22.230	22.938	3,18%

Fonte: Relatórios Anuais e trimestrais da Petrobras. Elaboração: ILAESE

Como se nota, o gasto total com pessoal passou de R\$ 22,2 bilhões para R\$ 22,9 bilhões, aumento de 3,2%. A remuneração direta cresceu um pouco mais, mas ainda muito abaixo dos resultados econômicos da companhia. É necessário, portanto, observar seus componentes.

Os salários passaram de R\$ 10,43 bilhões no primeiro semestre de 2025 para R\$ 10,74 bilhões em 2026, crescimento de apenas 3%. Os programas de remuneração variável aumentaram de R\$ 3,42 bilhões para R\$ 3,72 bilhões, alta de 8,75%. Somados, salários e remuneração variável cresceram 4,4%.

A comparação com os resultados da empresa é reveladora. No mesmo período em que a remuneração variável aumentou 8,75%, a receita líquida cresceu 21%, o lucro bruto 34,5% e o lucro líquido 37,3%. O lucro operacional cresceu ainda mais, acima de 55% no semestre. Portanto, mesmo o componente da remuneração que deveria acompanhar mais diretamente o desempenho da companhia aumentou numa velocidade muito inferior ao próprio resultado que pretende remunerar. Os benefícios permaneceram praticamente estáveis no conjunto: cresceram apenas 0,2%. Houve, porém, mudanças importantes em sua composição. As chamadas “vantagens” caíram 46,5%, de R\$ 1,88 bilhão para R\$ 1 bilhão; os gastos com aposentadoria e pensão cresceram 1,1%; e as despesas com o plano de saúde subiram 23,8%, chegando a R\$ 4,49 bilhões.

Esses dados também exigem cuidado na interpretação. O crescimento das despesas totais com trabalhadores não pode ser confundido automaticamente com aumento equivalente da remuneração individual. Parte das despesas decorre de benefícios e obrigações da empresa, e a própria expansão das atividades e das novas unidades produtivas exige maior contingente de trabalhadores. O dado decisivo para a PLR é outro: a remuneração variável cresceu muito menos do que o lucro produzido pela Petrobras. Some-se a isso o efeito inflacionário.

Se a PLR deve guardar alguma relação com o desempenho da empresa, o primeiro semestre de 2026 não oferece argumento para sua contenção. Pelo contrário. A Petrobras bateu recordes de produção, recordes de utilização das refinarias, ampliou fortemente as exportações, elevou o EBITDA e alcançou um dos maiores resultados trimestrais de sua história. A própria companhia atribui esses resultados ao desempenho operacional. Não existe razão econômica para que a participação dos trabalhadores permaneça comprimida justamente quando todos os principais indicadores operacionais e financeiros avançam.

5 - CONCLUSÕES

Os resultados do primeiro semestre de 2026 mostram uma Petrobras em condições econômicas e operacionais excepcionalmente favoráveis. A receita líquida alcançou R\$ 293,2 bilhões, 21% acima do mesmo período de 2025. O lucro bruto cresceu 34,5% e chegou a R\$ 157,9 bilhões, enquanto o lucro líquido avançou 37,3%, para R\$ 85,3 bilhões. No segundo trimestre, a companhia chegou a um dos maiores resultados financeiros trimestrais de sua história.

Diferentemente do que ocorreu no primeiro semestre de 2025, dessa vez o crescimento do lucro não pode ser explicado principalmente por ganhos cambiais. O resultado financeiro caiu mais de 60%, mas o lucro líquido continuou avançando. O elemento decisivo foi a operação da companhia: crescimento da produção, aumento das exportações, alta do preço do petróleo, maior utilização das refinarias e redução da necessidade de importar derivados. O lucro operacional do semestre ultrapassou R\$ 113 bilhões, mais de 55% acima de 2025.

A Petrobras produziu 3,34 milhões de barris equivalentes por dia no segundo trimestre, novo recorde, e alcançou 4,87 MMboed de produção total operada. No pré-sal, os recordes também foram sucessivos. Búzios ultrapassou 1 milhão de barris por dia e chegou a registrar 1,2 milhão em junho. Nas refinarias, o fator de utilização alcançou 101,2%, superando o recorde anterior de 2014. A produção de derivados cresceu e as exportações de petróleo dispararam.

Tudo isso se deve a atividade de seus trabalhadores. Operação, manutenção, perfuração, produção, refino, logística e escoamento dependem diariamente de milhares de trabalhadores. A própria administração reconhece que os resultados decorreram da eficiência operacional e da manutenção das unidades. É precisamente por isso que os recordes de produção e lucratividade devem aparecer no centro da negociação trabalhista.

Os custos aumentaram, mas numa velocidade muito inferior à dos resultados. O custo dos produtos vendidos cresceu 8,4%, contra 34,5% do lucro bruto. O lifting cost acrescido do afretamento permaneceu praticamente estável em relação a 2025, em torno de US\$ 9,14 por barril equivalente. Portanto, a expansão da produção não foi obtida à custa de uma deterioração generalizada da eficiência da companhia.

O contraste aparece quando chegamos aos trabalhadores. As despesas totais com pessoal cresceram apenas 3,2%, e a remuneração variável aumentou 8,75%. Enquanto isso, o lucro líquido cresceu 37,3%. Como consequência, a parcela dos trabalhadores no valor adicionado da Petrobras caiu de 11% para 9%, enquanto a parcela correspondente ao lucro subiu de 31% para 34%.

Esse é o dado central para a negociação da PLR. Não há crise econômica na Petrobras que justifique reduzir ou limitar a participação dos trabalhadores nos resultados. Há, ao contrário, expansão acelerada da produção, das receitas, do lucro operacional, do lucro líquido e da geração de caixa. A companhia ainda aprovou R\$ 17,4 bilhões em proventos relacionados apenas ao resultado do segundo trimestre.

Os dados do primeiro semestre de 2026 fortalecem de maneira inequívoca a reivindicação de ampliação da participação dos trabalhadores nos resultados da Petrobras.

Da equipe do ILAEE (Instituto Latino-americano de Estudos Socioeconômicos)
14/08/2026